



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPEs – LATINDEX
Nº. 06 – Ano III – 10/2014
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Organização da informação e do conhecimento de documentos artísticos à luz da terminologia

Prof^a. Dr^a. Giovana Deliberali Maimone
Docente do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - USP - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/8933485589661265>
E-mail: gdmaimone@usp.br

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo
Docente do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - USP - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6110614407789789>
E-mail: mfgmtala@usp.br

Resumo: Apresenta o campo da Organização da Informação e do Conhecimento com o subsídio das disciplinas da Terminologia e Linguística Aplicada no intuito de aprofundar os fundamentos da pesquisa terminológica para fins documentários. Justifica-se a eficiência da articulação entre os termos nos tesouros, para permitir melhor acesso aos documentos artísticos dos museus. O problema de pesquisa está pautado nas possibilidades informacionais alternativas em relação ao cerceamento representativo de alguns tesouros, sendo que são apresentados como exemplos o Tesouro de Arte e Arquitetura (AAT) e o sistema de classificação Iconclass. Propostas de aperfeiçoamento são realizadas, a fim de evidenciar a importância da Organização da Informação e do Conhecimento para a comunicação e a geração de conhecimento no âmbito museológico. A interpretação subjetiva do indivíduo no museu deve ser respeitada, proporcionando maiores possibilidades de recuperação informacional, a partir da representação adequada de documentos.

Palavras-chave: Organização da Informação e do Conhecimento. Pesquisa terminológica. Tesouros. Documentos artísticos. Museus.

1. Organização da informação e do conhecimento de documentos artísticos

Este estudo apresenta as informações dos documentos artísticos, no intuito de proporcionar melhor comunicação das obras de e sobre artes tendo como base a investigação terminológica dessa área de conhecimentos. Embora a relação sensível existente entre obra e público em todo museu de arte seja fundamental para o alcance de seus objetivos, esta pesquisa enfoca o trabalho com a informação das obras que admitem o fluxo e a geração de conhecimentos por meio de sua codificação/decodificação.

A delimitação entre o trabalho com o acervo do museu (objetos, pinturas, esculturas etc.) e o material impresso sobre as obras (livros, catálogos, periódicos etc.) está centrada na função que cada material deve desenvolver. O acervo museológico deve reproduzir informações descritivas sobre as obras, como título, autor, técnica, época, estilo, entre outras, que permitam conhecê-las. O tratamento temático sobre as mesmas restringiria a beleza polissêmica inerente a elas. Porém, a exploração de informações contextualizadas sobre o autor, o título da obra e o movimento artístico ao qual pertence, por exemplo, seria possível e viável por meio do tratamento terminológico.

Já para materiais bibliográficos, a representação temática (classificação, indexação) seria pertinente para identificar de que tratam as obras impressas, servindo-se, então, de linguagens documentárias como os tesouros para o relacionamento dos/entre assuntos.

Um tipo de mediação diferenciada é adequado, devido à condição de efetivar pontes entre documentos e usuários (diversos). Sob esse ponto de vista, o vocabulário controlado (tesauro) funcionaria como um *software* que disponibilizaria uma rede de representações através de sua função comunicativa; função esta melhor realizável através do apoio terminológico.

Identificar e estabelecer os espaços favoráveis à geração do conhecimento na relação museu/biblioteca, para que ambos trabalhem de modo integrado, encaminham-se ao encontro de um dos objetivos cruciais da Ciência da Informação, que é o de propiciar acesso informacional aos mais diversos públicos.

As formas de organização dos documentos podem ser limitantes e restritivas, visto que apresentam “um” ponto de vista e não “o” único, pois são elaboradas a

partir de objetivos e normas previamente estipuladas. Em virtude das linguagens documentárias serem elaboradas para uma área específica e se referirem às áreas de especialidade, elas tornam os documentos inacessíveis intelectualmente para as classes sociais mais populares, que contam com vocabulário menos especializado.

Levando em consideração que o público dos museus, de modo geral, é bastante heterogêneo e as obras que comportam possibilitam múltiplas interpretações, intenta-se reduzir o cerceamento representativo propiciado pelos tesauros, por meio de uma ampliação vocabular, pela integração de novos termos equivalentes, genéricos, específicos e associativos. Tal ampliação deve ser realizada por intermédio de fontes que amparem pesquisas de termos.

Uma adequada articulação de termos e conceitos voltados às camadas menos especializadas seria imprescindível para agregar novos expectadores, potencialmente interessados em adquirir conhecimentos da área artística, como é o caso dos públicos das grandes exposições, que nem sempre são artistas, historiadores, escultores, críticos ou outros.

A preocupação principal, portanto, é a efetiva comunicação do acervo museológico e bibliográfico dos museus com os diversos públicos. Recorre-se, para tanto, ao trabalho de identificação, adequação e inserção de termos para ampliar possibilidades de transmissão da informação, intentando com isso preservar a memória e contribuir para a dinâmica cultural.

2. Terminologia e Tesauros

O trabalho com vocabulários controlados, especialmente com tesauros, requer diálogo constante com a Terminologia¹, pois esta, além de auxiliar a comunicação especializada (técnica) proporciona o trabalho com termos e conceitos unívocos em uma língua de especialidade², permitindo o direcionamento interpretativo da estrutura conceitual, fato que admite melhor representação e consequente recuperação dos conteúdos dos documentos. As normas de

¹ Disciplina da Linguística aplicada que estuda cientificamente conceitos e termos utilizados na língua de especialidade (PAVEL; NOLET, 2002, p. xvii).

² Língua de especialidade é aquela utilizada para proporcionar uma comunicação sem ambiguidade numa área determinada do conhecimento ou da prática, com base num vocabulário e em usos linguísticos específicos desse campo (PAVEL; NOLET, 2002, p. xvii).

Terminologia aplicadas ao trabalho documentário também são essenciais, “uma vez que propõem parâmetros gramaticais e semânticos de normatização” (CINTRA *et al.*, 1996, p. 21).

Os estudos terminológicos no âmbito documentário, mais especificamente tesauros, são crescentes, visto que “os termos técnico-científicos são utilizados como descritores, unidades que dão suporte à chamada linguagem documentária que provê os sistemas de recuperação da informação” (KRIEGER; FINATO, 2004, p. 59). A linguagem documentária propõe um modo de organização de um determinado universo do conhecimento que possibilite acesso e circulação da informação (TÁLAMO, 1997).

Os termos são a essência da transmissão dos conhecimentos na comunicação especializada. Esses descritores são construídos em linguagens documentárias para significar de maneira precisa um conceito, impondo-se coercitivamente (CINTRA *et al.*, 2002).

Assim, a relação Terminologia - Documentação pode ser explicitada por Lima (2006, p. 2), que afirma “[...] a informação documentária é o produto da articulação do conceito com o termo, através do descritor de uma linguagem documentária”. Dessa maneira, os descritores necessitam ter seus significados fixados por meio de uma operação técnica conceitual, a fim de que um termo seja referente a apenas um conceito e vice-versa (TÁLAMO, 1989). Reforçando a responsabilidade dessas disciplinas para a construção da memória social, tem-se que

Na medida em que os conceitos especializados são representados através de termos (ou seja, palavras ou conjunto de palavras), a Terminologia atua como um referente em todo o processo de conceituação, representação, fixação, comunicação e intercâmbio de dados e informação especializada. A partir desta perspectiva, tanto a Organização do Conhecimento como a Terminologia participam dos processos de construção e gestão da memória social, entendida como o conjunto de crenças, conhecimentos, valores, concepções e fatos que integram a cultura, a tradição e a história de uma sociedade (BARITÉ, 2010, p. 21).

Sob esse prisma, a Terminologia funciona como uma base de apoio ao sistema conceitual das sociedades, já que, de certa maneira, molda a linguagem delas.

De modo geral, a linguagem documentária pode ser compreendida como um elemento construído artificialmente para representar o conteúdo dos documentos, “transformando” a linguagem natural (discurso) em termos de indexação (descritores controlados), de modo que estruture (ofereça forma) o conteúdo de uma determinada área do conhecimento e funcione como instrumento de indexação.

Sendo assim, a aplicação da Terminologia em Documentação é utilizada principalmente em sua função de representação, já que, conforme relata Cabré (1995, p. 12),

[...] a terminologia é um elemento-chave para representar o conteúdo dos documentos e para acessá-los. Os tesauros e as classificações são basicamente inventários terminológicos organizados tematicamente e controlados formalmente.

Ao proceder com uma área especializada do conhecimento, a Terminologia trabalha com o estudo científico dos conceitos e respectivos termos, que constituem um conjunto expressivo e comunicativo, possibilitando a transferência do conhecimento especializado. Nesse sentido, os conceitos não existem isoladamente, mas sempre uns em relação aos outros. “Com efeito, a Terminologia constitui para os especialistas o vocabulário essencial para uma comunicação eficaz” (SAGER, 1993, p. 11).

O termo, ou unidade terminológica, é a “etiqueta de um conceito em uma árvore conceitual” (PAVEL; NOLET, 2002, p. 18) e se distingue da palavra (unidade da língua geral ou natural) pela relação monossêmica que estabelece com o conceito. Um termo designa apenas um conceito e vice-versa. Desse modo, os termos “apresentam um conceito específico e relacional, definindo-se como unidades monorreferenciais” (CINTRA *et al.*, 1996, p. 21), fato que privilegia a especificidade e a precisão dos conceitos.

Para Krieger e Finatto (2004, p. 75), a definição de unidade terminológica é,

[...] simultaneamente, elemento constitutivo da produção do saber, quanto componente linguístico, cujas propriedades favorecem a univocidade da comunicação especializada.

A precisão conceitual é exigência necessária à adequada comunicação e troca de informações entre especialistas (KRIEGER, 2000). Há, portanto, uma sucessão de fatores que acarreta a recuperação de informações adequadas, ou seja, o sucesso da recuperação depende de uma eficiente indexação, que, por sua vez, depende de vocabulários controlados (tesauros) bem estruturados e fidedignos aos propósitos da instituição e dos usuários.

O trabalho de ampliar o número de termos de um tesauro poderia implicar um aumento desnecessário e inadequado da base, se efetuado de maneira pouco rigorosa e sem padronização. Porém, se os termos forem submetidos a relações recíprocas dentro do tesauro, e indexados da mesma maneira, assegurar-se-ia a precisão na recuperação dos mesmos, uma vez que a procura por um termo remeteria a outros que com ele se relacionam, mantendo, dessa forma, a especificidade e ainda oferecendo mais formas de busca de um assunto.

Em vista de satisfazer os objetivos institucionais e as necessidades comunicacionais dos usuários, a relação objeto -> conceito -> comunicação é apresentada pela norma ISO 704 (2000), visto que em um processo de

[...] conceituação, os objetos são organizados em categorias por construções mentais ou unidades de pensamento chamados conceitos que são representados em várias formas de comunicação (ISO 704, 2000, p. 2).

Neste sentido, os objetos de museus podem ser considerados como documentos artísticos, ao passo que os termos devem determinar conceitos, a fim de que se tenha uma comunicação e geração de conhecimentos adequados. Por exemplo, a pintura “O Grito” de Edvard Munch, além de outros termos, poderia sugerir o termo “expressionismo” definindo-o como:

Movimento cultural surgido na Alemanha (início do século 20), que compreende a deformação da realidade para expressar de forma subjetiva a natureza e o ser humano, dando primazia à expressão de sentimentos em relação à simples descrição objetiva da realidade (Trabalho terminológico de elaboração própria, 2013).

Ao encontro desse exemplo está a colocação de Dahlberg (1978, p. 102), que define o conceito como sendo uma “compilação de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto e fixada (sic) por um símbolo linguístico”, ou seja, o termo. Esses

enunciados estão munidos de diversos elementos também chamados de características.

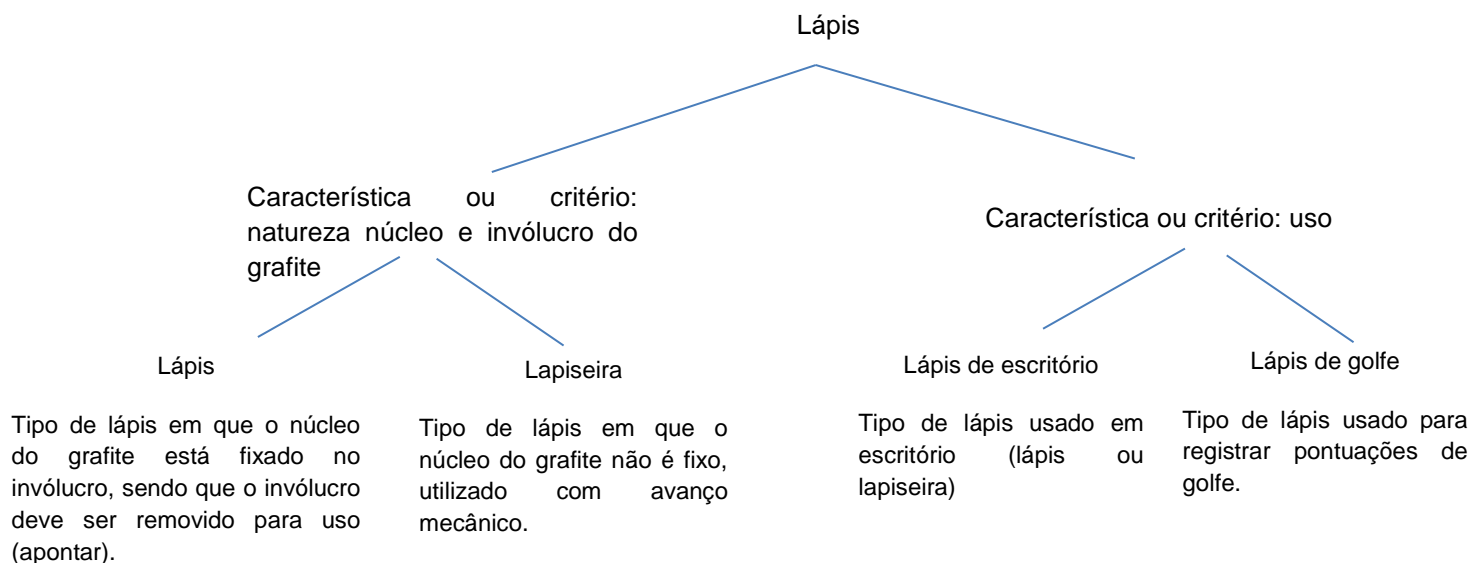
A norma ISO 1087-1 (2000, p. 2) expõe que um conceito é a “unidade do conhecimento criada por uma única combinação de características”, observando, no entanto, que

Conceitos não são necessariamente ligados a linguagens particulares. Eles são, no entanto, influenciados pelo meio social ou cultural que frequentemente levam a diferentes categorizações (ISO 1087-1, 2000, p. 2).

Essas diferentes caracterizações fortemente influenciadas pela bagagem social e cultural dos indivíduos podem refletir em diversas nomeações de uma mesma “coisa” (objetos). Nesse sentido, a adoção de mais relações entre os termos de um tesouro, neste caso, de documentos artísticos, possibilitaria uma maior recuperação desses documentos.

Os conceitos se definem uns em relação aos outros, justificando o lugar que ocupam no sistema conceitual. As relações conceituais podem ser divididas conforme a norma ISO 704 (2000) em hierárquicas (genéricas e partitivas), associativas e de equivalência. As relações hierárquicas genéricas dependem de um ponto de vista para se estabelecerem. Em outras palavras, assim como um sistema conceitual varia de acordo com o ponto de vista pelo qual os documentos serão tratados, os conceitos subordinados e superordenados também serão organizados de formas diversas, dependendo da característica a ser escolhida, conforme ilustra a figura abaixo:

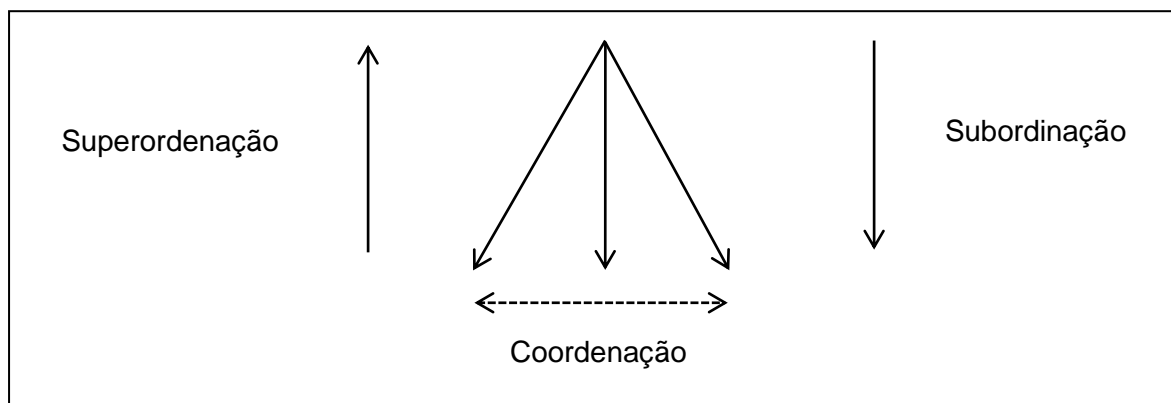
Figura 1 – Relações hierárquicas genéricas.



Fonte: Elaborado a partir de ISO 704 (2000, p. 8).

Desse modo, o esquema de relações hierárquicas pode ser assim sintetizado:

Figura 2 – Esquema de relações hierárquicas.

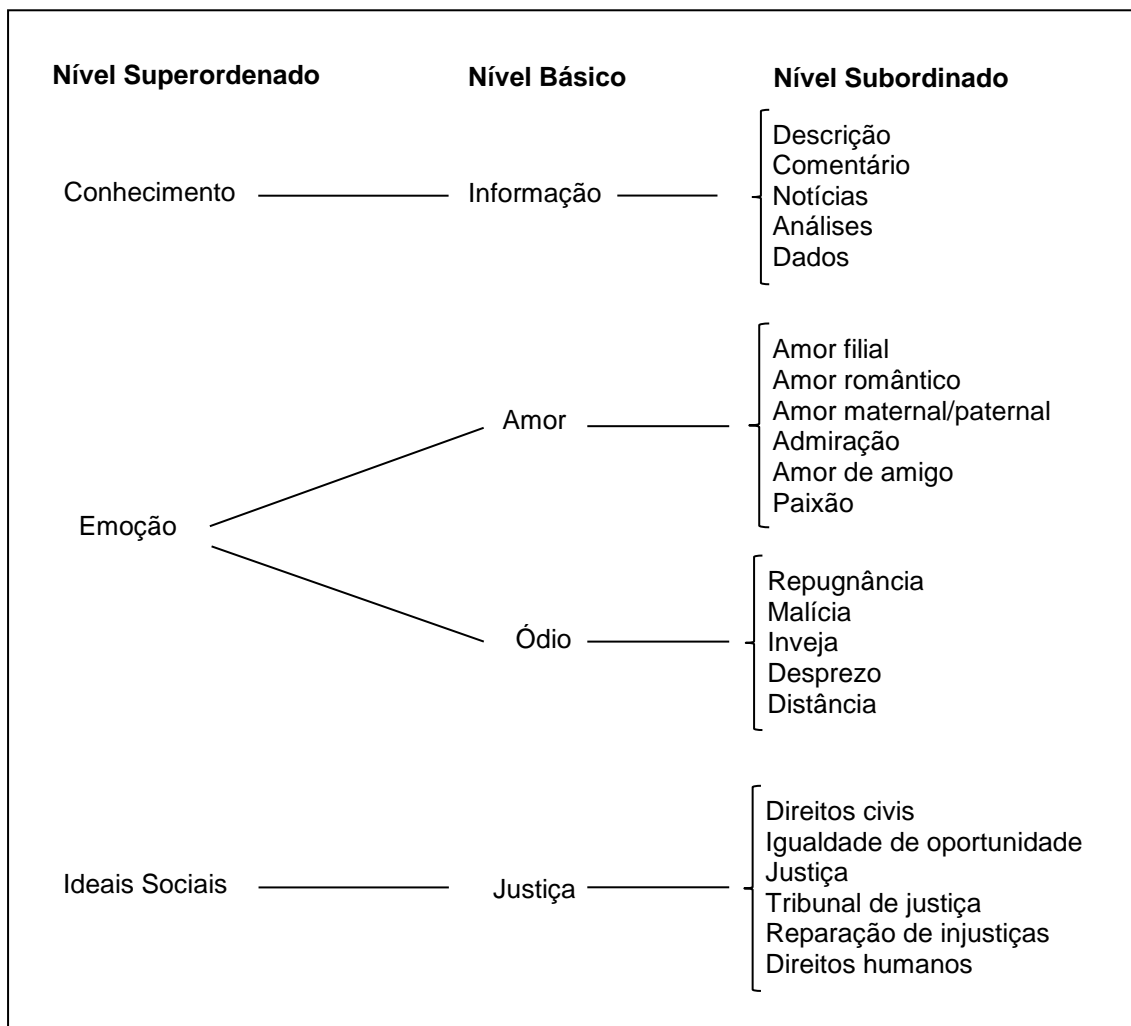


Fonte: Cintra *et al.* (2002, p. 51).

As categorias, ou seja, as classes de conceitos pelas quais os tesauros estão dispostos podem ser fixadas pelas relações constituídas entre os termos. Um grupo de termos está subordinado a outro termo (mais genérico) que engloba todas as

suas características, levando-se em conta o critério norteador, que na figura abaixo é chamado de **Nível Básico**:

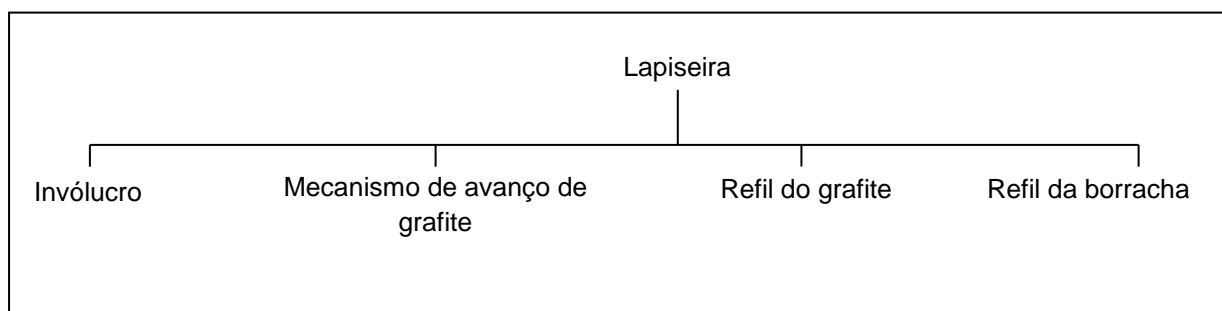
Figura 3 – Categorias orientadas pelo Nível Básico.



Fonte: Iyer (1995, p. 48).

Já as relações hierárquicas partitivas indicam um conceito superordenado que representa um todo e os subordinados que elencam suas partes, e as partes, no seu conjunto, formam o todo (ISO 704, 2000). Exemplo:

Figura 4 – Relações hierárquicas partitivas.



Fonte: ISO 704 (2000, p. 9).

As relações associativas são relações não hierárquicas, também chamadas de sequenciais (CINTRA *et al.*, 2002), que se conectam tematicamente em virtude da experiência (ISO 704, 2000) e que apresentam uma “dependência resultante de contiguidade espacial ou temporal” (BOUTIN-QUESNEL *et al.*, 1985³ *apud* CINTRA *et al.*, 2002, p. 62). Entre os vários tipos de associação citamos apenas alguns a título de exemplificação:

Figura 5 – Relações associativas.

Conceitos			Relação associativa
Escrever	↔	Lápis	Atividade – Ferramenta Causa – Efeito Organização – Construção associada
Umidade	↔	Corrosão	
Islã	↔	Mesquita	

Fonte: ISO 704 (2000, p. 12).

Ainda nos tesauros, temos as relações de equivalência que são aquelas estabelecidas entre termos (sinônimos e quase-sinônimos) que representam o mesmo conceito (ISO 1087-1, 2000). Nesse sentido, essas relações devem neutralizar tanto a polissemia quanto a ambiguidade, “para que seja garantida a monosssemia entre a forma do significante e a do significado” (CINTRA *et al.*, 2002, p. 71). Nas linguagens documentárias, a monosssemia deve fixar relações e definições precisas, sendo esse seu “princípio organizador elementar e básico”

³ BOUTIN-QUESNEL, R. *et al.* *Vocabulaire systematique de terminologie*. Québec: Publications du Québec, 1985.

(CINTRA *et al.*, 2002, p. 72). Além disso, para a ambiguidade, utilizam-se modificadores com o intuito de contextualizar o sentido quando necessário. Ex.: manga (fruta) e manga (parte do vestuário).

Evidencia-se, portanto, que operações terminológicas como as de fixar conteúdo para um conceito (definição) (DAHLBERG, 1978) e de estabelecer relações normalizadas entre eles, são fundamentais para Documentação, já que o tesauro firma-se por determinações monorreferenciais e estabelece relações entre conceitos (hierarquia, associação e equivalência), facilitando a organização (arranjo mental e físico) de determinado domínio do conhecimento.

Sob essa ótica pode-se dizer que a definição ocupa um lugar essencial na comunicação especializada, pois configura “pressupostos indispensáveis na argumentação e nas comunicações verbais necessários na construção de sistemas científicos” (DAHLBERG, 1978, p. 106).

Porém, anterior à fixação e ao estabelecimento das relações termo/conceito está a pesquisa terminológica, que tem como finalidade a definição. Definir é representar um conceito por meio de uma descrição normalizada que serve para diferenciá-lo de outros conceitos (ISO 1087-1, 2000). E designar é representar um conceito por um signo que o denote (ISO 1087-1, 2000).



Segundo sua natureza, a definição pode ser classificada como: intensional e extensional. A intensão é definida pelas características que identificam um conceito, diferenciando-o de outros (ISO 704, 2000). Pode ser compreendida também como a “definição que descreve a intensão de um conceito pelo estabelecimento de um conceito superordenado, delimitando características” (ISO 1087-1, 2000, p. 6). Já a extensão é a enumeração de todos os conceitos subordinados por um critério de subdivisão (ISO 1087-1, 2000, p. 6). Tais definições correspondem aos critérios de divisão e subdivisão estabelecidos no tesauro.

As designações, por sua vez, são a síntese da definição, ou seja, são uma representação do conceito por uma expressão linguística ou não linguística, geralmente representadas por: termos, nomes ou símbolos (ISO 704, 2000).

Termos e nomes diferem-se pela natureza de suas características, ou seja, os termos configuram características mais amplas que agrupam “coisas” em um conjunto, como, por exemplo, UNIVERSIDADE. Já os nomes são identificadores de determinada “coisa” entre várias, como, por exemplo, UNIVERSIDADE DE SÃO

PAULO. Já os símbolos podem designar tanto conceitos gerais quanto individuais (ISO 704, 2000, p. 27). Tais representações se mostram importantes para o acesso compreensível da informação contida nos documentos; conforme a necessidade pode-se utilizar mais de uma dessas designações. Exemplo em arte:

Figura 6 – Exemplos de tipos de designações em Artes.

<p>Termo: Pintor</p> <p>Nome: Gustav Klimt</p> <p>Símbolo:</p>	<p>Termo: Pintura</p> <p>Nome: O Beijo</p> <p>Símbolo:</p>
	

Fonte: Elaboração Própria (2013).

Dentre as principais atividades do trabalho terminológico estabelecidas pela norma ISO 704 (2000) nos é de especial interesse: definir conceitos e atribuir designações para cada conceito. Pois a definição orientaria os usuários para os termos sem ambiguidades e a atribuição de designações auxiliaria na representatividade dos conceitos.

Como exposto no artigo de Tálamo e Lara (2009, p. 64), “A forte relação entre a Terminologia e a Documentação se estabeleceu tradicionalmente a partir da orientação onomasiológica”. Tal orientação consiste na análise de conceitos de uma área de especialidade, para em seguida analisar os termos utilizados, suas formas, suas relações recíprocas e o emprego que deles fazem os especialistas (O PAVEL,

2011). Essa orientação se refere à categoria do enunciador, pois parte-se das unidades do conhecimento (conceitos) para se chegar às designações desses (termos).

A fim de ilustrar alguns dos conceitos, aqui brevemente defendidos, tomamos como exemplos o Tesouro de Arte e Arquitetura, elaborado pelo instituto Getty de pesquisas e o sistema de classificação Iconclass (plano de classificação holandês).

2.1 Tesouro de Arte e Arquitetura

O AAT (Art & Architecture Thesaurus) é um vocabulário estruturado, elaborado pelo Instituto de Pesquisas Getty, que contém, aproximadamente, 131 mil termos relativos a objetos, materiais, técnicas, atividades e outros conceitos. Tais termos são utilizados para descrever arte, arquitetura, arte decorativa, cultura material e materiais de arquivo. O foco de cada registro do AAT é chamado de conceito (HARPRING, 2010). Esse tesouro se estrutura por meio das seguintes facetas:

Conceitos associados: contém conceitos abstratos e fenômenos que se relacionam com o estudo e execução de um amplo campo do pensamento humano. Ex.: liberdade, socialismo, etc.

Atributos físicos: incluem características como tamanho e forma, propriedades químicas dos materiais, qualidades de textura e dureza, e características como ornamento de superfície e cor. Ex.: fragilidade.

Estilos e períodos: agrupamentos estilísticos e períodos de distinções cronológicas relevantes. Ex.: expressionismo abstrato, figura-negra.

Agentes: designação de pessoas, grupos de pessoas, e organizações identificadas pela ocupação ou atividade, características físicas ou mentais, regras sociais ou condições. Ex.: arquitetos de paisagem, corporações, ordens religiosas.

Atividades: ações de esforço físico ou mental, ocorrências discretas, esquemas de ações sistemáticas. Ex.: arqueologia, engenharia, desenho, corrosão.

Materiais: substâncias físicas, naturais ou derivadas sinteticamente. Ex.: ferro, argila, marfim artificial.

Objetos: é ampliada a todas as facetas. Engloba coisas tangíveis ou visíveis que são inanimadas e produzidas pelo homem. Na forma física são obras como imagens e documentos escritos. Ex.: pinturas, ânforas, catedrais, jardins (HARPRING, 2010, p. 55).

Grande parte das facetas incluídas no tesouro acima referenciado diz respeito a características que podem ser claramente identificadas, como, por exemplo, o tamanho e a forma de uma escultura (atributos físicos), ou o tipo de material de que determinada obra é composta (material). Porém, talvez a categoria de conceitos

associados exija mais dedicação do profissional, pois necessita conhecer de forma mais aprofundada o contexto de determinado documento para estabelecer associações verdadeiras que nem sempre são evidentes. Nesse sentido, as relações associativas ou os termos relacionados estão totalmente contemplados e fazem parte, como produtos, das investigações sobre as obras, objetos, documentos, etc.

Segundo Ménard (2009), o AAT é utilizado para a catalogação e também serve como ferramenta de pesquisa, pois oferece relações tradicionais (equivalência, hierarquia e associação) e também semânticas pautadas em “relações lógicas entre conceitos, atividades e objetos” (MÉNARD, 2009, p. 71). Todavia, o AAT também apresenta lacunas na cobertura de

[...] pessoas, eventos e atividades que constituem importantes pontos de acesso para coleções de imagens mais gerais. É também de difícil uso, devido à sua complexidade (MÉNARD, 2009, p. 71).

É no intuito de descomplicar ou tornar mais acessíveis os documentos artísticos que se intenta prover mais e adequadas relações entre os termos.

Se os usuários finais serão expostos aos termos técnicos (especializados) originais do vocabulário, em vez de utilizar um vocabulário intermediário projetado para preencher a lacuna entre usuários especializados e não especializados, termos não especializados devem ser incluídos juntamente com os termos especializados na indexação (HARPRING, 2010, p. 173).

Justifica-se assim a inclusão de termos com linguagens menos especializadas nos tesouros especializados. Na recuperação de informação, os usuários nem sempre conhecem o termo (preferido) utilizado pelo indexador quando este realiza a inserção dos dados da obra no acervo. Desse modo, um vocabulário controlado deve permitir que os usuários escolham o melhor trajeto para se chegar à informação desejada, oferecendo-lhe diversas possibilidades terminológicas (mais e menos específicas) para que ele selecione o mais familiar e ideal.

Assim, não importa quem é o usuário, os vocabulários são fundamentais para reunir esses termos equivalentes, relacionamentos e outras informações adicionais e usá-los para incitar pesquisas por meio de conjuntos de dados diferentes, ou mesmo dentro de um único banco de dados (HARPRING, 2010, p. 177).

Sob essa perspectiva enfatiza-se que tanto os procedimentos terminológicos e operacionais quanto os de normalização dos tesouros são igualmente importantes para disponibilizar as informações nos bancos de dados, porém, limitamo-nos aos aspectos de relacionamento terminológico e sua operacionalização, deixando para trabalhos futuros sua continuidade.

2.2 ICONCLASS⁴

Embora não seja um tesouro, o Iconclass se mostra um instrumento importante para a análise dos níveis da imagem, como já apontava Panofsky (1979). É, então, uma classificação designada para arte e iconografia. É a ferramenta científica mais amplamente aceita para a descrição e recuperação de imagens (obras de arte, ilustrações de livros, reproduções, fotografias, etc.) e é utilizado por museus e instituições de arte.

O sistema ICONCLASS tem provado ser uma ferramenta poderosa para o registro e fornecimento de acesso aos temas iconográficos, especialmente para a arte ocidental. Esse sistema, desenvolvido na Holanda e agora utilizado em muitos países e instituições, contém descrições textuais de assuntos em arte, organizados por códigos alfanuméricos que podem ser organizados em hierarquias (HARPRING, 2002, p. 13).

Os únicos elementos do sistema Iconclass são seus códigos de classificação alfanuméricos, chamados de notações, que sempre começam com um dos dígitos 0-9, correspondendo às dez principais divisões:

0 Resumo, arte não representacional

1 Religião e Magia

2 Natureza

3 Ser humano, homem em geral

4 Sociedade, cultura, civilização

5 Ideias e conceitos abstratos

6 História

⁴ As informações aqui mencionadas sobre o Iconclass foram coletadas diretamente do *site* oficial, cujo endereço eletrônico está disponível em: <http://www.iconclass.nl>.

7 Bíblia

8 Literatura

9 Mitologia Clássica e História Antiga

Dessas dez "divisões principais", os números de 1 a 5 são considerados "temas gerais", concebidos para incluir todos os principais aspectos do que pode ser representado. As divisões de 6 a 9 acomodam temas 'especiais', assuntos de natureza narrativa, com ênfase na Bíblia (7) e Mitologia Clássica (9). A décima divisão, representada pelo número 0, foi adicionada, em 1996, a pedido de utilizadores do Iconclass, para hospedar a arte.

Dentro de cada divisão, as definições são organizadas de acordo com uma lógica de especificidade crescente. Uma divisão principal é fracionada ainda mais, em um máximo de nove subdivisões, pela adição de um segundo dígito à direita do primeiro. A divisão 2 (Natureza), por exemplo, é subdividida da seguinte forma:

- 21 Os quatro elementos, e éter, o quinto elemento
- 22 Fenômenos naturais
- 23 Tempo
- 24 Os céus (corpos celestes)
- 25 Terra, mundo, corpo celeste
- 26 Fenômenos meteorológicos
- 29 Surrealia, representações surrealistas

O princípio hierárquico é denotado pela adoção de notações à direita, em dígitos subsequentes. Ex.:

- 7 Bíblia
- 71 Antigo Testamento
- 71H História de Davi

O sistema Iconclass procura representar uma obra atribuindo tanto termos temáticos quanto descritivos referentes. Vejamos um exemplo: se um usuário procura por uma imagem, buscando pelas palavras-chave "hat" e "head", ele encontrará tais conceitos na estrutura hierárquica (33A11).

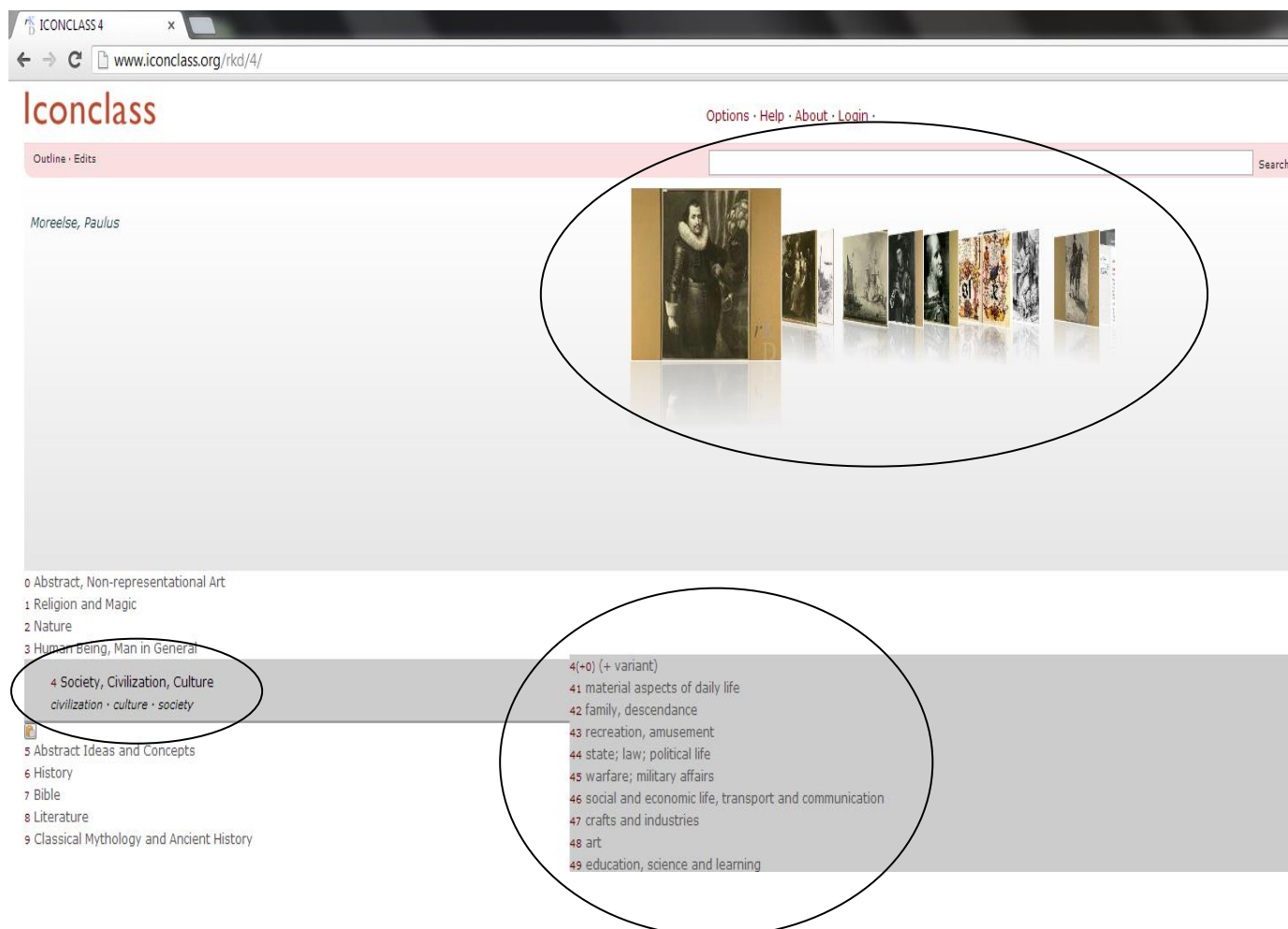
Figura 7 – Busca de imagem no sistema *Iconclass*.



Fonte: *Site* ICONCLASS (2013).

A interface facilitada que o Iconclass proporciona possibilita ao usuário a visualização clara dos conteúdos e uma pesquisa mais inteligível, já que agrega várias imagens sob o mesmo tema, disponibilizando também a organização hierárquica sob a qual o sistema está constituído. Em outras palavras, quando um usuário acessa a base (<http://www.iconclass.org/>), ele deve escolher uma dentre as categorias ou subcategorias apresentadas e, clicando sobre ela, será carregada uma página trazendo as imagens e os termos relacionados à categoria buscada. Esse sistema se mostra relevante à recuperação fluente de imagens, utilizando de linguagem compreensível, ou seja, de um nível mais facilitado de entendimento, por uma maior gama da sociedade. Uma pesquisa dentro da classe 4 “Sociedade, Civilização e Cultura”, por exemplo, oferece informações já hierarquizadas (plano classificatório) e também as possíveis imagens que tal categoria agrega. Vejamos:

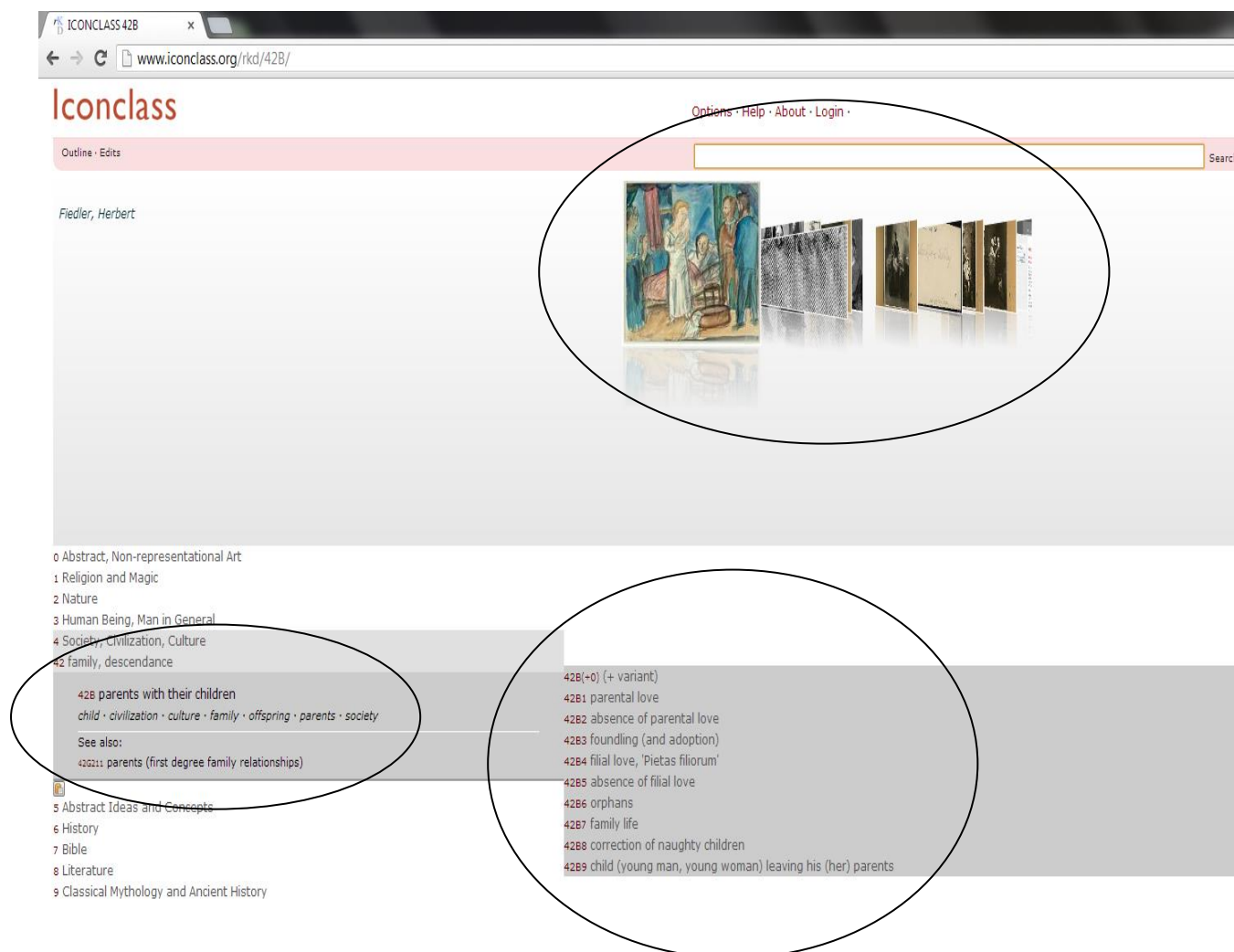
Figura 8 – Classe 4, do *Iconclass*.



Fonte: Site ICONCLASS (2013).

Especificando mais e clicando na subclasse 42 “Família, Descendência” e ainda mais em 42B “Pais com seus Filhos”, teremos:

Figura 9 – Classe 42B, do *Iconclass*.



Fonte: Site ICONCLASS (2013).

Observa-se com os exemplos percorridos que a organização das informações sob um determinado critério simplifica e permite a busca coerente de documentos, apesar de ser apenas uma possibilidade, limitante, portanto, de outros pontos de vista. Imperativo dizer que o AAT, tesouro destinado a tratar dos materiais que dizem respeito às artes e à arquitetura, centra-se mais nas características físicas, ao contrário do sistema de classificação Iconclass, que foca suas atividades na organização conceitual e visual dos documentos.

É essencial lembrar que os modos de “arranjar” o conhecimento, embora diferentes nos diversos tesouros, planos de classificação, linguagens documentárias em geral, trazem intrínseca ou extrinsecamente a operação conceitual que define e relaciona os termos.

Ratifica-se a argumentação de Roqueta (2011, p. 135), que sustenta que “as estruturas conceituais seguem sendo as ferramentas mediadoras mais importantes para o diálogo entre usuários, documentos e informação”.

3. Propostas de Aperfeiçoamento

3.1 Acervo museológico

O acervo museológico, composto de obras, objetos e demais artigos de interesse para exposições são agrupados sobre determinados critérios e, de modo descritivo, exibem algumas informações como título da obra, nome do artista, período de elaboração da obra, entre outras.

Diferentes são as formas de descrição e apresentação das obras nos museus, porém, embora custoso e exaustivo, propõe-se como complemento que um trabalho terminológico de orientação semasiológica seja implantado. Tal trabalho procederia do termo ao conceito, cujo produto seria uma lista alfabética de termos ou expressões acompanhados por seus respectivos significados, mantida na biblioteca, para cada obra do acervo permanente do museu, respeitando os limites de cada campo, como demonstrado no exemplo abaixo:

Figura 10: A origem da Via-Láctea, de Tintoretto



Ficha Descritiva

Artista: Jacopo Tintoretto

Dados Biográficos: Veneza – Itália, 1518 – 1594.

Título: A origem da Via-Láctea

Tipo de obra: Pintura

Técnica: Óleo sobre tela

Dimensões: 124,5 x 165 cm

Estilo Artístico: Maneirismo

Data de realização da obra:

1577 - 1578

Na biblioteca teria uma - [Lista Informativa sobre as Obras do Museu:](#)

A Origem da Via-Láctea: A composição dessa tela diz respeito a uma imagem desequilibrada pela remoção de faixa na parte inferior; outrossim, camadas de verniz escurecido tornaram as cores menos nítidas, mas a fantasia da cama do século XVI e a cortina a flutuar entre as nuvens e as estrelas são um exemplo do gênio de Tintoretto. Zeus, em forma de uma águia, instrui Hermes a que coloque sorrateiramente o pequenino Hércules no seio de sua esposa adormecida, a fim de que o menino, ao sugar-lhe o leite, se torne imortal. Hera desperta, salta da cama e seu leite se esparrama pelo céu, criando, assim, a Via-Láctea. É essa, talvez, a obra mais sensual de Tintoretto, pois ele, geralmente, pintava temas religiosos. A figura, a voar, de Hermes é um dos expedientes composicionais mais inventivos do artista (ENCICLOPÉDIA dos museus, 1969).

Jacopo Tintoretto foi o mais prolífico pintor de Veneza no fim do século 16. No início de sua carreira, ele lutou para conseguir o reconhecimento, que, finalmente, chegou em 1548 com um trabalho encomendado pela Scuola Grande di S. Marco e, em seus anos de maturidade, ele trabalhou extensivamente em decorações para o Palácio de Doge e para a casa de reuniões da Scuola Grande di S. Rocco, com a qual ficou ocupado de 1564 até 1567 e entre 1575 e 1588. Além de suas obras religiosas e mitológicas, Jacopo Tintoretto também pintou muitos retratos de venezianos proeminentes, porém, ele nunca foi totalmente aceito pelas principais famílias aristocráticas que dominavam a vida cultural veneziana e, de certa forma, isso impediu seu patrocínio. O estilo rápido e abreviado que caracteriza grande parte da sua obra causou polêmica entre os contemporâneos, e a falta de acabamento convencional foi vista por alguns como um mero resultado de descuido ou execução rápida demais. Apesar de uma carreira longa e movimentada, Tintoretto, aparentemente, nunca ficou rico e, em 1600, sua viúva apresentou um apelo ao Estado veneziano de ajuda financeira para sustentar a família (TURNER, 1996).

3.2 Acervo bibliográfico

Na Biblioteca, a atribuição de termos aos documentos artísticos (neste caso, impressos) é feita após análise dos materiais e a consulta ao tesouro devidamente atualizado. A terminologia seria utilizada para analisar contextos, a fim de propor remissivas e mais relações entre termos, em linguagem menos específica.

Tomando-se como exemplo o assunto “Maneirismo” e já devidamente aplicada a metodologia terminológica, teríamos as seguintes figuras, abaixo relacionadas:

Figura 11: Apresentação gráfica das relações do “Maneirismo”

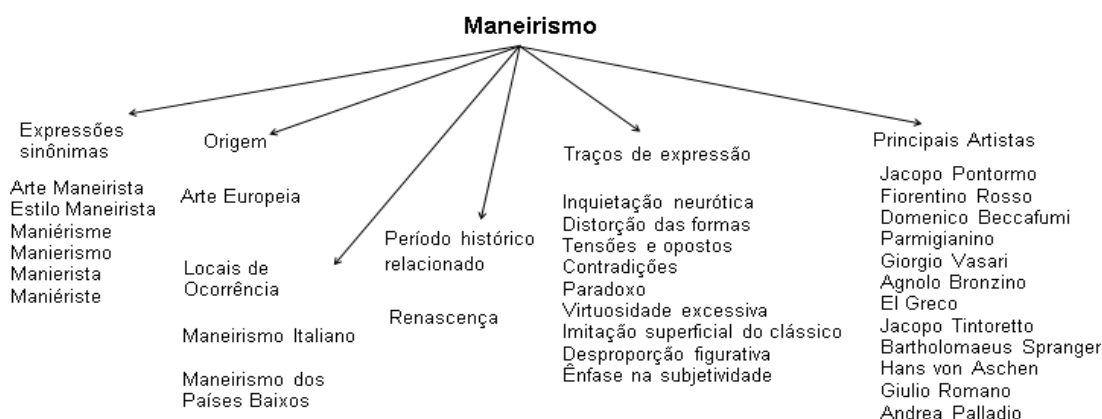


Figura 12: Apresentação gráfica tesaaurística das relações do “Maneirismo”

MANEIRISMO

UP Arte Maneirista
 UP Estilo Maneirista
 UP Maniérisme
 UP Manierismo
 UP Manierista
 UP Maniériste

TG ARTE EUROPEIA

TE MANEIRISMO ITALIANO
 TE MANEIRISMO DOS PAÍSES BAIXOS

TR RENASCENÇA
 TR INQUIETAÇÃO NEURÓTICA
 TR DISTORÇÃO DAS FORMAS
 TR TENSÕES E OPOSTOS
 TR CONTRADIÇÕES
 TR PARADOXO
 TR VIRTUOSIDADE EXCESSIVA
 TR IMITAÇÃO SUPERFICIAL DO CLÁSSICO
 TR DESPROPORÇÃO FIGURATIVA
 TR ÊNFASE NA SUBJETIVIDADE
 TR JACOPO PONTORMO
 TR FIORENTINO ROSSO
 TR DOMENICO BECCAFUMI
 TR PARMIGIANINO
 TR GIORGIO VASARI
 TR AGNOLO BRONZINO
 TR EL GRECO
 TR JACOPO TINTIRETTO
 TR BARTHOLOMAEUS SPRANGER
 TR HANS VON ASCHEN
 TR GIULIO ROMANO
 TR ANDREA PALLADIO

Considerações Finais

A ideia de apresentar as obras do acervo museológico remetendo a informações complementares na biblioteca e de aumentar o número de termos do acervo bibliográfico para proporcionar ampla representatividade dos documentos artísticos centra-se na preocupação de “torná-las acessíveis” a um maior número de pessoas, objetivando desfazer fronteiras socioculturais tradicionalmente construídas.

Trabalhar de forma isolada implica na perda de referências setoriais do museu, pois impossibilita a integração dos fluxos de trabalho, impedindo também a padronização das formas de apresentação das obras aos públicos e o realinhamento dos objetivos das instituições.

Abstract: Introduces the field of Information Organization and Knowledge with the allowance of the disciplines of Applied Linguistics and Terminology in order to deepen the foundations of terminology research for documentary purposes. Justified the effectiveness of the relationship between terms in thesauri to enable better access to art museums documents. The research problem is based in the alternative informational possibilities in relation to the representative restriction of some thesauri, and are presented as examples of the Art and Architecture Thesaurus (AAT) and the system of classification Iconclass. Proposed improvements are carried out in order to highlight the importance of the Organization of Information and Knowledge for communication and knowledge generation in the museum context. The subjective interpretation of the individual must be respected in the museum, providing greater possibilities of information retrieval from the proper representation of documents.

Key-words: Information and Knowledge Organization. Terminology research. Thesauri. Artistic documents. Museums.

Referências

BARITÉ, M. Organización del conocimiento y gestión de la memoria social. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA E ENERGIA: memória, informação e sociedade, 3, 2010, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fundação energia e saneamento, 2010.

CABRÉ, M. T. La terminologia hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 3, 1995.

CINTRA, A. M. M. *et al.* Linguagens documentárias e terminologia. In: ALVES, I. M. (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1996. p. 17 – 22. (Cadernos de terminologia, 1).

CINTRA, A. M. M. *et al.* *Para entender as linguagens documentárias*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Polis, 2002. 92 p. (Coleção Palavra-Chave, 4).

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 1978. p. 101 – 107.

ENCICLOPÉDIA dos museus. Londres: Galeria Nacional, 1969.

HARPRING, P. *The language of images: enhancing access to images by applying metadata schemas and structured vocabularies*. 2002. Disponível em: <http://www.getty.edu/research/publications/electronic_publications/intro_aia/harpring.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2013.

HARPRING, P. *Introduction to controlled vocabularies: terminology for Art, Architecture, and Other Cultural Works*. Los Angeles: Getty Research Institute, 2010. 244 p.

ICONCLASS. Holanda. 2013. Disponível em: <<http://www.iconclass.org/>>. Acesso em: 09 jan. 2013.

ISO 704 (2000). *Terminology work: principles and methods*. 2nd ed. Genève: International Standard Organization.

ISO 1087-1(2000). *Terminology work: Vocabulary, Part 1: theory and application/Travaux terminologiques - Vocabulaire - Partie 1: théorie and application*. Genève: International Standard Organization.

IYER, H. *Classificatory Structures: concepts, relations and representation*. Frankfurt/Main: Indeks Verlag, 1995. 229 p. (Textbooks for Knowledge Organization, v. 2).

KRIEGER, M. da G.; Terminologia revisitada. *D.E.L.T.A.: revista de documentação de estudos em linguística teórica e aplicada*, São Paulo, v. 16, n. 2, 2000. p. 209 - 228.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004. 223 p.

LIMA, V. M. A. A terminologia e a função comunicativa das linguagens documentárias. In: *Simpósio Iberoamericano de Terminologia - X*. Montevideu, 2006.

MÉNARD, E. Images: indexing for accessibility in a multi-lingual environment – challenges and perspectives. *The indexer*, v. 27, n. 2, p. 70 – 77, jun. 2009.

O PAVEL: curso interativo de Terminologia. Canadá: Public Works and Government Services, [2011?]. Disponível em: <<http://linguisticadocumentaria.files.wordpress.com/2011/03/pavel-interativo.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2011.

PAVEL, S.; NOLET, D. *Termium: Manual de Terminologia*. Tradução: Enilde Faulstich. Canadá: Obras públicas e serviços governamentais do Canadá, 2002.

ROQUETA, M. B. Sistemas de organización del conocimiento: una tipología actualizada. *Informação e Informação*, Londrina, PR, v. 16, n. 3, p. 122 – 139, jan./jun. 2011.

SAGER, J. C. La terminología: puente entre varios mundos. In: CABRÉ, M. T. *La terminología: teoria, metodologia, aplicaciones*. Barcelona: Empúria, 1993. p. 11-17. (Prólogo).

TÁLAMO, M. de F. G. M. A definição semântica para a elaboração de glossários. In: SMIT, J. W. (org.). *Análise documentária: análise da síntese*. Brasília: IBICT, 1989.

TÁLAMO, M. de F. G. M. Linguagem documentária. *Associação Paulista de Bibliotecários – Ensaio APB*, São Paulo, n. 45, 1997.

TÁLAMO, M. de F. G. M.; LARA, M. L. G. de. Interface entre linguística, terminologia e documentação. *Brazilian Journal of Information Science*, Marília, SP, v. 3, n. 2, p. 58 – 74, jul./dez. 2009.

TURNER, J. (Ed.) *The dictionary of Art*. Inglaterra: Macmillan Publishers Limited, 1996.

Texto científico recebido em: 19/08/2014

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 31/10/2014

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.